

O acontecer em relevo: implicações experienciais, narrativas e midiáticas

Cláudio Rodrigues Coração*



FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (Orgs.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 336p.

O livro *Acontecimento: reverberações* (2012), organizado por Vera Regina Veiga França e Luciana de Oliveira, aponta um painel no qual o acontecimento é vislumbrado além do fato transcorrido na apreensão espaço-temporal; a análise do acontecimento como sinal conceitual se insere no debate da vida cotidiana, primordialmente. Em consonância à ideia do circunscrito experiencial, Louis Queré (*A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista*) mede o acontecimento na distinção entre a ocorrência eventual e a experiência da “conquista do passado” e localiza-o instrumentalizado na Comunicação, em meio à *projeção* memorial e a realidade do dia a dia.

Por isso mesmo, Vera Regina Veiga França (*O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística*) levanta a

* Doutor em Comunicação: Meios e processos audiovisuais pela ECA/USP. Mestre em Comunicação pela Unesp. Professor dos cursos de Comunicação Social da FIB - Faculdades Integradas de Bauru e da Unip - Campus Bauru – São Paulo, Brasil. E-mail: claudiocoracao@ig.com.br

questão hermenêutica no centro de um debate epistemológico sobre o acontecimento, a remodelá-lo em outra chave, não menos instigante: como gerador de informações e como componente “perturbador dos quadros” de realidade. Isabel Babo-Lança (*Acontecimento e memória*) nota que o *fazer-memória* se amplia no Jornalismo (em seus mais variados canais e meios) como um estrato memorialístico específico (‘o que se lembrar’ e ‘como se lembrar’). Existe, pois, um diálogo desses primeiros textos da obra com aquilo que Beatriz Bretas, logo em seguida (*Propagação telemática dos acontecimentos e novos fazeres midiáticos*), chama de apropriações telemáticas, no que se refere às fabricações simbólicas e midiáticas, em que o *11 de setembro* talvez seja o grande emblema de certa materialização do acontecimento como íntimo da imagem, por meio da seguinte operação: recombinações sgnicas “-> experiências comunicativas ->” padrões discursivos.

Ainda nesse tom, Alain Bovet (*O acontecimento tomado pela palavra: um talk show sobre a morte de Osama Bin Laden*) percebe a interação específica dos *talk shows* a fim de “desnudar” a lógica do “acontecimento planetário” teleguiado. Em complemento a essa versão, para Eduardo Duarte (*A experiência estética pública na construção do cotidiano e seus acontecimentos*) o acontecimento está tecido no cotidiano por *partilhas do sensível* (cf. Rancière), nos pertencimentos públicos da experiência individual envolvida no coletivo. A singularidade *acontecimental* é tão valorativa que no ensaio pessoal de Paulo Bernardo Vaz (*Na onda dos acontecimentos cotidianos*) são apresentadas três aspirações da impressão e percepção vivida a uma premissa deleuziana (a conversação balizada no movimento biopolítico como acontecimento) quando Vaz anota, de maneira empírica e imersiva, a *tragédia do Realengo* pela e na mídia, bem como os sons e fúrias na ancoragem de Beethoven e Shakespeare em meio a cenários pós-modernos urbanos.

Há, portanto, uma síntese desenhada em *Acontecimento: reverberações* que alinha o acontecimento com os ditames da vida social, em seu processo de apreensão simbólica, informacional e política. Com isso, Joan Stavo-Debauge (*A (in)experiência das vítimas e a ‘mitologia do acontecimento’*) elenca os *estágios da dor*

no mundo organizacional e na rigidez das narrativas e discursos jurídicos pelas arestas do que ele chama de “acontecimentos judiciais”. Assim, a ideia da *partilha do sensível* é também utilizada por Ângela Cristina Salgueiro Marques (*Acontecimento e criação de comunidades de partilha: o papel das ações comunicativas, estéticas e políticas*), no que se refere às funções e afetos das atrizes e atores sociais na ampliação das ações comunicativas no espaço público (utilizando os conceitos de Habermas). A pressão em torno da esfera pública contemporânea é tão “esquizofrênica” na absorção dos eventos e das experiências que Laura Guimarães Corrêa e Miriam Chrystus (*No adro da igreja: o assassinato de mulheres e a potencialização de acontecimentos entrelaçados*) elucidam, a partir de coberturas jornalísticas do assassinato de mulheres, sintomas discursivos atrelados ao espaço não só público, mas também físico e midiático.

Por isso, a construção simbólica de “personagens midiáticas” se enreda no acontecimento regido pela narrativa institucionalizada da mídia, nos textos seguintes: Habibou Fofana (*Norbert Zongo: das margens sociais ao coração do Estado – a constituição de um personagem público*); João Freire Filho e Mayka Castellano (*Eike Batista: o ‘bilionário popstar’: um estudo sobre a celebração midiática do empreendedorismo*); Lígia Lana e Paula Guimarães Simões (*Duas vinculações possíveis entre personagens públicos e acontecimentos: diferentes modos de atuação na vida pública*).

Por fim, as marcas históricas em determinados contextos de urgência são sugeridas como “reconstruções do passado”. Nesse sentido, estão os textos *Os 30 anos do 11 de setembro de 1973 no Chile: comemoração de uma data*, de Paola Diaz; *Posts de uma revolução em declínio: Cuba na narrativa de Yoani Sánchez*, de Márcio Serelle; e *Acontecimentos violentos, ressentimento e as marcas de uma interpretação*, de Elton Antunes. Os três, de certa maneira, estão intrinsecamente conectados aos demais, relacionados à temática das *lutas discursivas*. São eles: *Os fundamentos sensíveis da experiência pública*, de Louis Queré e Cédric Terzi; *Acontecimento e resistência: mulheres contra a Aracruz*, de Christa Berger; e *Quando o agenciamento do sujeito acontece*, de Marta Regina Maia.